Calamidade afecta cerca de três milhões de pessoas

Seca testa capacidade de resiliência do País

O País está a braços com a seca que resulta do fenómeno climático El Niño, colocando em perigo a segurança alimentar, disponibilidade de água e estabilidade económica no geral. A crise humanitária já se faz sentir em alguns pontos do nosso País e se até hoje os resultados deste flagelo ainda não produziram eco é porque ainda há poucas reservas nos celeiros que ainda permitem a troca de produtos nas comunidades e pouco apoio das organizações não-governamentais.

Por Rodrigues Luís *

De Janeiro a esta parte vários distritos do nosso País registaram chuvas abaixo do normal. Trata-se dos distritos das províncias de Maputo, Gaza, Inhambane, Sofala, Manica, Tete e Zambézia, afectando adversamente a colheita dos cereais e outras culturas básicas no seio da população.

O Governo já mostrou preocupação, com a activação recentemente de uma comissão para se preparar do choque.

Desta reunião, a nossa Reportagem percebeu que o assunto já vinha sendo debatido em surdina e o Governo e seus parceiros já vinham prestando socorros cirúrgicos, sobretudo para as famílias cuja subsistência tende a ser trágica nos distritos áridos e semi-áridos.

Os técnicos envolvidos neste evento, que decorreu sob égide do Instituto Nacional de Gestão e Redução do Risco de Desastres (INGD), na cidade da Beira, levantavam questões sobre onde buscar o dinheiro para socorrer a população exposta às consequências funestas da subnutrição e fome.

Do total de 31 distritos do nosso País que foram identificados como zonas áridas e semi-áridas, 11 distritos, designadamente Chibuto, Guijá, Massingir, Chicualacuala, Mapai, Mabalane, Caia, Chemba, Marara, Changara e Chiúre, possuem planos de acções antecipados à seca.

Os distritos recentemente eleitos para receber mais apoio são Massangena, Chigubo, Mabote, Funhalouro, Magude e Machanga.

Fome versus resiliência

Ao longo dos debates em torno da seca e consequente carência alimentar nenhum dos técnicos falava da fome. Limitavam-se a falar de carência de alimentos, sobretudo em pontos onde há abundantes relatos de consumo de frutos silvestres.

Mesmo com o levantamento em curso não se mencionou sobre as quantidades de produtos alimentares que seriam necessárias para alcançar um certo número de almas que se esperam ser afectadas.

A nossa Reportagem foi informada ainda ser prematuro trazer números porque o encontro se tratava de uma planificação.

Relativamente a fome que se diz afectar milhares de pessoas nestes pontos de zonas áridas e semi-áridas, os técnicos que lá se encontravam afirmavam ser papel da SETSAN apontar se há ou não fome.

Neste evento, aquela organização não esteve representada.

Da lista dos distritos afectados de forma severa e leve não constam os de Chibabava, Muanza e alguma parte de Nhamatanda.

A nossa Reportagem visitou vários pontos daqueles distritos localizados a sul e norte de Sofala, tendo constatado a redução drástica dos caudais dos rios e a indisponibilidade de comida para muitas famílias.

No povoado de Muxeve, em Chibabava, parte da população diz que a fome é uma realidade que não se deve escamotear.

Raul Sibanda disse ao jornalista que a problemática da seca poderá obrigar a família a deslocar-se para o distrito do Buzi, onde a disponibilidade de água é abundante devido ao curso de água.

"Fazemos parte do distrito árido e semi-árido. Sempre que se fala de seca nós somos os primeiros a ser afectados. A seca deste ano foi precedida por perca das nossas culturas devido a abundância das chuvas, muito antes de entrarmos nesta época da seca", explicou Sibanda, que apontou ter consumido toda a semente devido a falta de comida.

No distrito de Muanza, a norte de Sofala, a situação da seca accionou o nomadismo que apesar de ser tido como recorrente e cultural, este fenómeno já havia sido eliminado. Várias famílias estão se movimentando à busca de água e algumas estão se alimentando de frutas silvestres.

Numa declaração à nossa Reportagem, Lavo Minés e sua família referiu que a seca deste ano não avisou. "Nós pensávamos que este ano seria de muita chuva e foi por isso que nos preparamos para tal. Ficamos

nas zonas para prever chuvas abundantes, mas estranhamente estamos a ver que é seca que não é de brincadeira. Assim estamos a fugir daqui e vamos parar onde haja água e disponibilidade de comida", disse Lavo.

Entretanto, tanto o distrito de Chibabava, como o de Muanza estão a braços com a seca. Os mesmos não aparecem nos radares da planificação governamental, o que levanta desafios relativos à amortização de choques.

A ausência de cereais integrais que representam vitaminas essenciais no distrito de Muanza está a originar o deslocamento das famílias deste ponto para os distritos vizinhos, nomeadamente de Gorongosa, Nhamatanda, Cheringoma e Dondo.

Tal êxodo foge ao controlo das autoridades administrativas locais. No distrito do Dondo, por exemplo, as famílias Aleixo e Jobfande, que no total perfazem 26 pessoas, afirmam terem fugido da fome em Muanza.

Aleixo disse não ter alertado as autoridades porque achava que as mesmas possuem conhecimento da existência da fome.

"Quanto a fome devido a seca os nossos governos não tomam como um grande perigo. Só se tivesse havido cheias ou guerra se calhar teríamos sido movimentados através de helicópteros, mas agora não temos nada a reclamar. Estamos bem e fomos acolhidos pelos nossos familiares aqui no Dondo. Redistribuímos os membros da família em muitas outras. Nós africanos, a nossa riqueza é de sermos muitos e também de termos o dom de interajuda", disse Aleixo, afirmando que a zona norte de Muanza até a parte litoral a população está a passar por muita crise devido à seca.

Dividendo da seca extrema

Falando a jornalistas, recentemente, na cidade da Beira, o director da Divisão de Desenvolvimento das Zonas áridas e Semi-áridas (DARIDA), Paulo Tomás, afirmou que o seu sector, adstrito ao Instituto Nacional de Gestão e Redução do Risco de Desastres (INGD), está a trabalhar com parceiros governamentais e não-governamentais com vista a encontrar a solução dos problemas causados pela seca.

Afirmou estar atento e pronto para partilhar com as comunidades sobre diversas formas de tirarem o dividendo da resiliência.

Paulo Tomás anotou que as pessoas não precisam entrar em pânico e que o Governo e seus parceiros estão a trabalhar no sentido de responder positivamente a prováveis situações causadas pela seca.

Para o nosso interlocutor, o Secretariado Técnico de Segurança Alimentar e Nutricional (SETSAN) terá constatado que cerca de dois milhões e oitocentas pessoas estão prestes a não ter o que se subsistir, havendo a necessidade de reforçar o apoio alimentar.

"Como coordenador de gestão de riscos de calamidade em Moçambique, o INGD está a fazer o processo de assistência a estas pessoas, como também o Programa Mundial de Alimentação que vai reforçar a capacidade de resposta ao nível destas comunidades afectadas pela seca", explicou.

Alterações climáticas são uma crise humanitária

O coordenador da Rede de Acção Climática da Região da África Austral, Shepherd Zvigadza, disse recentemente a jornalistas africanos que cobrem assuntos relacionados com o ambiente que as alterações climáticas viraram fonte de crise humanitária.

Para aquele dirigente, uma acção com vista à atracção de financiamento para pôr cobro a este fenómeno é necessária a todos os níveis.

"As alterações climáticas não são apenas uma questão ambiental, é uma crise humanitária", explicou Shepherd Zvigadza, acrescentando que este tipo de crise precisa de um financiamento robusto para viabilizar as estratégias de resiliência.

De nacionalidade zimbabweana, Zvigadza também é cientista.

As Nações Unidas falam do fenómeno da seca de uma emergência, estando neste momento a tratar mecanismos para mobilizar 200 milhões de dólares norte-americanos.

Um comunicado daquele organismo aponta que as acções por forma a amortecer a problemática da seca em Moçambique estão direccionadas às intervenções de assistência alimentar, nutrição, agricultura, água, saneamento e higiene das pessoas afectadas e na melhoria do acesso à água ao gado em risco.

Estratégias de resiliência

Socorrendo-se da Lei 10/2020, de 24 de Agosto, de Gestão e redução de risco de calamidades, o INGD endossou à DARIDA todas as questões relacionadas com a escassez de chuvas.

A ideia do Governo é de que se edifique plataformas para que a seca não constitua problema de desenvolvimento para a população. Que se saiba conviver com o fenómeno, sobretudo em zonas onde as chuvas rareiam como ouro.

Durante a primeira ronda mais circunstancial da planificação antecipada, os técnicos envolvidos pareciam lobos a encurralar sua presa. Eles tinham técnicas, mas todas as vezes que discutiam soava o alarme sobre se o plano era exequível.

A sala de debates parecia um campo de batalha técnica. Se nos primeiros dias os técnicos apareciam vestidos de fato, nas horas seguintes estavam no informal.

Estes focavam os seus estudos em três pilares, designadamente estrutural, social e natural. Nestes, conforme se avançou, procuravam que se adoptasse soluções mais arrojadas, tais como desenvolver sistemas tecnológicos que possam proteger e outros que possam prever as ameaças.

Neste âmbito tecnológico entrou em cena o Instituto Nacional de Meteorologia. O seu representante afirmou que sem a sua instituição apetrechada como deve ser o inimigo poderia entrar sem encontrar meios de defesa accionados.

O director nacional de Observação e Rede do INAM, Francisco Nostado, disse que no País, a preocupação por equipar a instituição de tecnologia de ponta é manifestada pelo próprio Presidente da República, Filipe Nyusi, ao qual aquele técnico teceu elogios pela sua preocupação e aquisição de equipamentos de ponta, contrastando com os dirigentes de outros países que têm neste sector algo do último plano.

Nyusi é um dos dirigentes planetários apontados como os que mais se envolvem em questões de promoção do meio ambiente.

No que toca ao aprimoramento de tecnologias de comunicação e informação, Francisco Nostado falou também dos esforços empreendidos pelos parceiros das Nações Unidas e da Organização Mundial da Meteorologia, que estão a desenvolver com vista a fechar lacunas de dados básicos sobre observações meteorológicas e climáticas.

"A missão é proteger vidas"

- Cecília Chamutota, Secretária de Estado em Sofala

No âmbito do planeamento de soluções sobre a seca, a Secretária de Estado na província de Sofala, Cecília Francisco Chamutota, entrou em cena, apelando aos técnicos que a base de tudo que forem a construir é pensar no bem-estar da população.

"A nossa missão colectiva é proteger a vida e os meios de subsistência das nossas comunidades através de um esforço contínuo", concluiu.

UEM salva vidas

A mais antiga instituição do ensino superior de Moçambique, a Universidade Eduardo Mondlane (UEM), também contribuiu no processo de edificação da resiliência contra a seca.

No trabalho investigativo do Diário de Moçambique encontramos algum estudo daquela instituição de ensino, o qual recomendou algumas saídas para a população das zonas áridas e semi-áridas.

O director da DARIDA, Paulo Tomás, confirma que a investigação científica da UEM salvou vidas nos pontos onde ocorre a seca.

No caso particular da actuação técnica e científica do dividendo da resiliência à seca, Tomás firmou terem sido feitos estudos pela Universidade Eduardo Mondlane, nos quais demonstrou que algumas acções resilientes à seca desenvolvidas nas áreas de água e saneamento, pecuária, agricultura teriam minimizado os estragos devido a este fenómeno.

Segundo ele, com os resultados de uma pesquisa realizada pela Universidade Eduardo Mondlane, com a recente implementação de acções antecipadas à seca nos distritos de Caia e Chemba a província de Sofala ganhou uma experiência prática da relevância desta abordagem na prevenção e mitigação dos impactos negativos da seca que resultaram em situações de insegurança alimentar.

"Tendo em conta o elevado nível de exposição da província de Sofala a eventos de progressão rápida e epidemias, para além de expandir o número de distritos com plano de acções antecipadas à seca para a época chuvosa e ciclónica 2024/25, a nível central está em curso um processo de desenvolvimento de procedimentos operacionais e planos específicos de acções antecipadas a cheias, ciclones e doenças de origem hídrica, como o exemplo da cólera", disse Tomás.

Num exercício de demonstração sobre as valências de antecipação dos fenómenos, a exemplo da seca, o delegado do INGD na província de Sofala, Aristides Armando, referiu que na prevenção a sua instituição gastou sete milhões de meticais, no distrito de Caia, mas se tivesse que remediar sobre os impactos daquele fenómeno gastaria acima de 100 milhões de meticais no apoio a um certo número de pessoas.

Engajamento de mais actores

Mais técnicos foram engajados para trabalhar nas boas práticas para que o advento de acções climáticas diferentes não desestabilize a sociedade.

Representando o Programa Mundial de Alimentação, Tomás Viageiro reiterou a ajuda para assistir iniciativas tendentes a promover resiliência na província de Sofala.

Para Viageiro, o PMA tem vindo a apoiar a população em várias vertentes. Falou da actuação por causa da seca extrema em Caia, Chemba e Machanga, onde famílias foram assistidas.

O PMA, como um dos principais parceiros do INGD, perfilou seus técnicos para partilharem o seu know how em relação a vários temas. Benvindo Nhanchua e Amândio Fumane falaram de diferentes temas.

O pessoal da agricultura deu o seu ponto de vista sobre como trabalhar na época da seca. O técnico proposto para a intervenção falou do uso de sementes tolerantes à seca e da agricultura de conservação.

Por seu turno, o técnico da Administração de Águas do Centro (ARA-Centro), Castro Júnior, apareceu com dados indicando que a questão da seca é cíclica no País, tendo partilhado quatro épocas de secas graves registadas em Moçambique, com o início no ano de 1982-83, que resultaram em problemas graves de abastecimento de água e morte por consumo de produtos agrícolas impróprios em Maputo.

De acordo com a ARA-Centro, no ano de 1991-92 houve registo de problemas de abastecimento de água nas cidades da Beira e Chimoio, tendo na ocasião havido soluções de emergência e posteriormente definitivas.

Nos anos 2015-16, a província de Maputo volta a registar grandes secas que culminaram com a morte de gado, restrições no abastecimento de água e movimentação de pessoas.

Debruçando-se sobre a província de Sofala, Castro Júnior revelou haver uma certa tendência das bacias do Zambeze, Buzi, Púnguè e Save apresentarem um escoamento muito baixo, que é, segundo explicou, característico da época de estiagem.

"Planeamento inclusivo é chave do sucesso"

- Hilária Hilário Augusto, psicóloga clínica

A psicóloga clínica Hilária Hiláriо Augusto disse que o sucesso de uma acção passa por um anticipado planeamento envolvendo diferentes pensamentos.

A psicóloga defendeu esta tese quando foi abordada para falar da seca no País.

Para ela, um dos grandes obstáculos ao planeamento de soluções adequadas a qualquer tarefa resíde exactamente no pouco conhecimento que se tem do problema em conjunto.

"Neste caso de preparação contra choques ambientais há necessidade de envolver todos. São quase sempre trabalhos colectivos que vencem numa batalha, por contingência profissional ao quadro das suas especializações", explicou a psicóloga, parabenizando o Governo pela coragem de poder antecipar efeitos da seca, que é raro na história do País.

Segundo a nossa entrevistada, a seca tem sido uma calamidade negligenciada por muitos governantes que nada preparam para amortecer seus choques, como tem acontecido com as cheias e outras intempéries.

"Actuando desta maneira pela antecipação encara-se o problema sob uma nova perspectiva, de um plano mais distante, donde se possa obter uma visão panorâmica de conjunto, visão em que alguns pequenos detalhes certamente se apagarão, mas na qual se destacarão de maneira compreensiva as ligações. Eles certamente terão pessoal em campo que replicará tais acções resilientes", explicou.

A psicóloga afirmou que nos dividendos da resiliência da seca, onde se pretende dar uma imagem de se ser forte onde as coisas vão dando erradas, devido a problemas causados pelas mudanças climáticas, é necessário que todos os pilares da sociedade sejam erguidos, de forma que todos sirvam de defesa.

"Numa plataforma de preparativos todos devem ser chamados. Os líderes comunitários, os políticos, governantes, técnicos, quase todos, mas porque se está a iniciar o processo o passo que se está a dar é um bom exercício", disse.

Em relação ao tabu em torno da fome, a nossa entrevistada disse ser um assunto cultural. Acrescentou que desde há muito tempo constituiu-se um dique em falar da fome, até em países desenvolvidos.

"Visitem as histórias sobre a fome e notarão que quase todo o mundo sente uma certa retracção de falar sobre fome da sua gente, chegou mesmo a ser um fundamento moral, mas para se começar a admitir e falar abertamente da fome foram necessárias duas guerras mundiais para que se apercebesse que a fome é uma realidade gritante e extensa para ser tapada com uma peneira aos olhos do mundo", disse para depois acrescentar que fala quem sente fome e não deve esperar que os outros falem por eles.

Temperaturas altas e dados globais mais recentes

As novas análises conduzidas pelos investigadores da Central Climática, no âmbito de índice de mudanças climáticas, apontam que entre Junho e Agosto pelo menos dois mil milhões de pessoas foram expostas a mais de 30 dias de temperaturas potencialmente perigosas para a saúde, fortemente influenciadas pelas alterações climáticas.

O estudo tornado público em 18 de Setembro corrente indica que 72 países viveram o seu Verão mais quente desde, pelo menos, 1970, significativamente impulsionado pelas alterações climáticas. Um total de 180 cidades do Hemisfério Norte experimentaram, pelo menos, uma onda de calor extremo de Junho a Agosto. Estas ondas de calor são, em média, 21 vezes mais prováveis hoje devido à poluição por carbono, causada principalmente pela queima de carvão, petróleo e gás.

"As altas temperaturas que foram claramente influenciadas pelas mudanças climáticas colocaram em risco a saúde de biliões de pessoas em todo o mundo durante os últimos três meses", disse Andrew Pershing, vice-presidente do sector da ciência na Central do Clima, tendo ainda avançado que "nenhuma região, país ou cidade está a salvo das ameaças mortais representadas pela queima de combustíveis fósseis", concluiu um dos coordenadores do estudo.

**** Colaboração***